

Divulgação



...REINALDO LOURENÇO

Estilista

“Moda é engenharia, não é fundo de quintal”

Nas últimas duas décadas Reinaldo Lourenço ajudou a profissionalizar a moda brasileira, com roupas que unem estilo e acabamento de primeira, sem abrir mão da sensualidade. Lourenço começou como assistente de Glória Coelho, sua ex-mulher. Em 1984, fundou sua marca e, em 1990, abriu a primeira loja na Rua Bela Cintra, nos Jardins. É pai de Pedro Lourenço, de 20 anos, que há duas estações desfila em Paris. Entre as lições que passou ao filho, ele diz que segue uma à risca: “Não repetir o passado”.

Há 20 anos você abriu sua primeira loja. O que mudou na moda desde então?

O gosto das mulheres brasileiras evoluiu. Hoje, elas não estão mais tão preocupadas em exibir o corpo. É mais fácil vender moda agora do que antigamente.

Quem é a sua cliente?

São mulheres contemporâneas, que gostam de design. Tenho dois públicos, na verdade. Um consome as roupas do São Paulo Fashion Week, que são mais conceituais. É um público mais restrito. E tem o que compra a coleção comercial. Esse é mais amplo, formado por profissionais urbanas que precisam de roupas para o dia a dia.

O que as executivas querem vestir hoje?

Não vejo mais uma “moda de escritório”. O terninho, como se usava nos anos 1980 e 1990, estruturado e com ombreiras grandes, ficou obsoleto. Foi migrando para a jaqueta e calça e, hoje, a alfaiataria está mais relaxada. O vestido é a indumentária mais importante. Caiu no gosto das mulheres, e a minha produção acompanhou. Cerca de 60% do que faço hoje é vestido.

Como se reinventar depois de tantos anos?

O importante é não fazer nada como já foi feito. Fico irritado quando saio à noite para dançar e vejo os jovens escutando música dos anos 1980, vestidos como nos anos 1980, com cabelo dos anos 1980. Tem de misturar as décadas, tem de quebrar a cabeça para fazer algo novo e interessante. Moda é engenharia, não é fundo de quintal. Acho que amadureci e agora estou mais tranquilo e também mais interessado, de verdade, nas mulheres. No início da minha carreira, fazia roupas que eram experimentos. Hoje, penso muito nos desejos e necessidades das consumidoras. Aprendo com elas. Não abro mão do meu estilo, mas sei que não sou tão livre assim. Tenho de manter uma empresa.

De onde você tira inspiração?

De todos os lugares, das pessoas na rua e dos movimentos mundiais também. Em 2008, quando a crise econômica mundial foi comparada à de 1929, fui estudar o que acontecia no mundo na mesma época e fiz um paralelo com o momento atual. Acabei chegando na *art déco*, que usava muito aço e que foi um símbolo do poder e da reconstrução dos Estados Unidos na época. Fiz uma coleção inspirada na *art déco*, mesmo gostando mais do *art nouveau*. **A.F.**